

Ausência de governo cria um país a oeste de Roraima

João Sant'Anna

A ausência de governo criou um país a oeste do meridiano 62º, a uma hora de voo de Boa Vista, a capital do recém-nascido Estado de Roraima, na fronteira do Brasil com a Venezuela, em plena floresta amazônica.

É um país muito rico: tem reservas de bilhões de dólares, só em ouro e cassiterita, a matéria-prima do estanho. E outros tantos bilhões em diamantes, cobre, prata, bismuto, zinco, nióbio, molibdênio e minerais radiativos.

O direito de exploração de toda esta riqueza está requerido por 21 grupos, que reúnem das mais importantes empresas mundiais de mineração aos maiores pilantras brasileiros.

A população é pequena e primitiva: 7 mil índios e 45 mil garimpeiros, que invadiram a região nos últimos 20 anos, vindos dos mais diversos pontos do Brasil.

De agosto de 1987 até agora, este país produziu 25 toneladas de ouro, qualquer coisa em torno de 300 milhões de dólares, mais do que faturou no ano passado o grupo Votorantim, a 96ª maior empresa brasileira. Um PIB per capita de US\$ 5.769, sem contar a produção local de bens e serviços. O ouro é a moeda e, nas relações de troca com os países vizinhos, se vive aqui um período de deflação: as coisas custam cada vez menos.

Culturalmente, é um país muito estranho: convivem uma civilização comunista da idade da pedra e as últimas aventuras capitalistas do final do século 20, que empregam rudimentares sistemas de recuperação de

ouro e o que há de mais moderno em termos de tecnologia de transporte aéreo e comunicações.

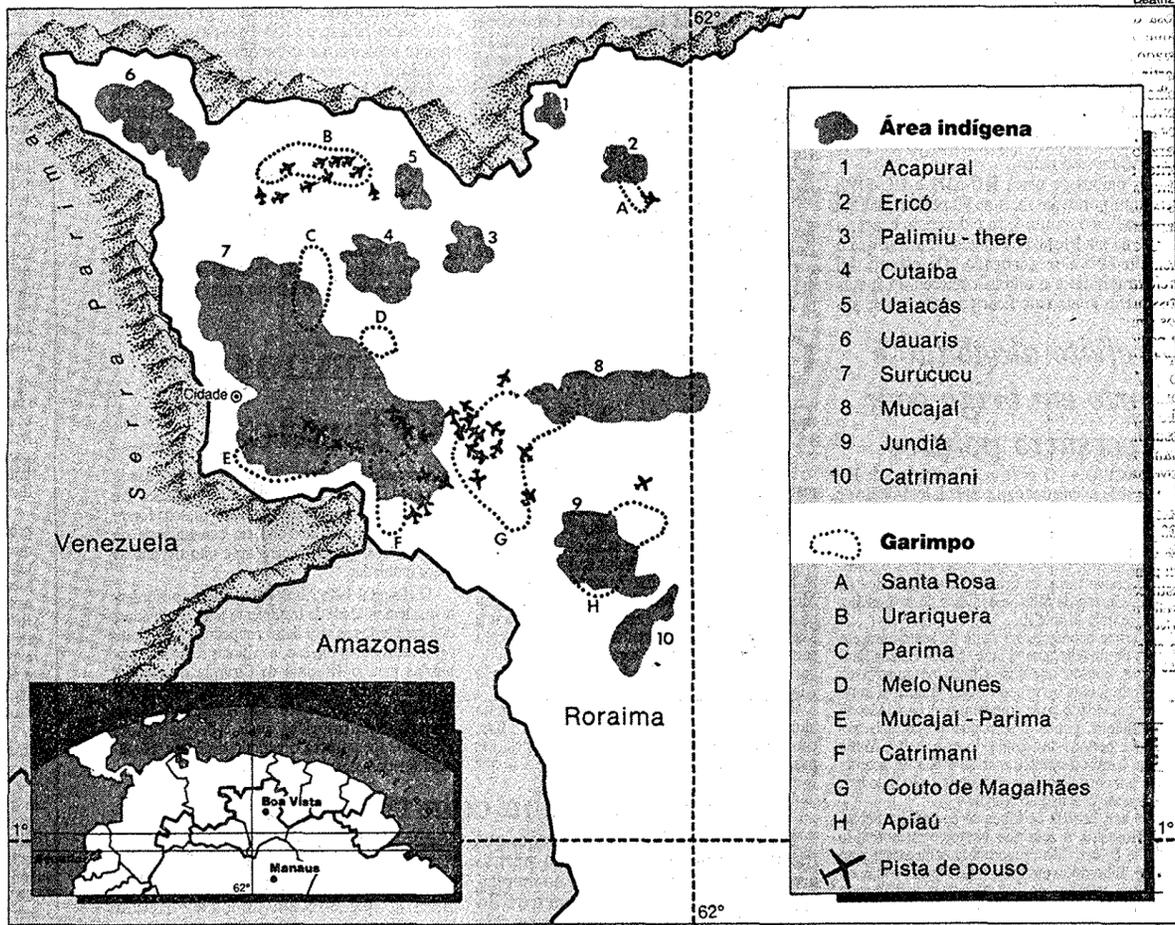
Como qualquer país amazônico, está sob violenta pressão internacional, que se alimenta de sonhos individuais — como a campanha da dupla Raoni-Sting — e da cobiça, dos interesses e das aspirações de grandes organizações — empresas, movimentos ecológicos, seitas religiosas e governos estrangeiros.

Um desses governos estrangeiros é o do próprio Brasil, que, no começo do ano, tomou em sua capital, a milhares de quilômetros de distância, a seguinte decisão — por decreto: do total dos 4,4 milhões de hectares de extensão deste eldorado, que tem uma área 40 vezes maior que o município do Rio de Janeiro, equivalente a 19% da superfície do Estado de Roraima, 2,6 milhões de hectares seriam florestas nacionais e 1,7 milhão de hectares, áreas indígenas.

E para mostrar que não estavam brincando, os ministros brasileiros da Segurança Nacional e do Interior enviaram ao Congresso um projeto de lei que permite remover toda a ocupação econômica deste país, apreendendo máquinas, instrumentos de trabalho e confiscar os bens desses aventureiros.

O único problema é que está complicado convencer o Comando Militar da Amazônia a empregar seus soldados, treinados em guerra na selva, para botar em prática essa decisão de gabinete, que só pode ser aplicada à força sobre milhares de pessoas enraizadas por ali. Os militares, por questão de fronteira, vêm com muito bons olhos essa invasão, que para eles evita outras — de países estrangeiros.

O eldorado do meridiano 62º



Fotos de João Sant'Anna



Hoje, a cassiterita é rejeito da exploração do ouro

Cassiterita suplanta o ouro

A corrida do ouro deu resultados palpáveis. Em agosto de 1987, Roraima tinha 150 mil habitantes, hoje, tem 300 mil. Os quatro vãos semanais, que ligavam o novo estado ao resto do país, se multiplicaram para quatro por dia. Há quase cem pistas de pouso, construídas a mão no meio do mato, onde operam cerca de 400 aviões.

Mas Roraima quer mais: um pólo minero-metalúrgico para transformar o minério — sobretudo, a cassiterita — em riqueza durável e romper a barreira estabelecida pela distância dos centros processadores nacionais, permitindo ao estado aproveitar a proximidade dos mercados consumidores na rota do Atlântico norte.

É uma batalha difícil. A simples entrada em produção da cassiterita de Roraima mudaria radicalmente o mercado mundial, rompendo esquemas de cartel fortemente estruturados. Na província estamífera do Parima-Surucucu, só no lado brasileiro, estão armazenados 200 mil toneladas de estanho aluvionar, sem considerar o primário, ou pouco menos de 300 mil toneladas de cassiterita, num teor de 70%. É o mesmo potencial de Pitinga, no Amazonas, e Rondônia, as duas grandes províncias controladas pela Paranapanema, o gigante mundial do setor.

Acordos — São US\$ 2 bilhões, numa estimativa superficial. Não é à toa que outras empresas concorrentes estabeleceram acordos para a compra em bloco da cassiterita de Roraima. Os teores da cassiterita, que põem uma expressão de criança na face sisuda dos executivos das produtoras de estanho que visitam a região, já estão sendo precisamente medidos no sul do país.

Por enquanto, a cassiterita, livre do ouro, jogada no mato, pode ser tirada no esquema garimpeiro: paga a NCz\$ 1,50 por tonelada e transportada no frete de retorno dos quase 400 aviões que fazem a rota a oeste de Boa Vista mais movimentada que a ponte aérea Rio-São Paulo. Mas não se tiram 200 mil toneladas em partidas de 400 quilos, carga média dos aviões de pequeno porte.

O Projeto Meridiano 62º estabelece as bases desse sonho. Elaborado pela Secretaria de Indústria e Comércio, Secretaria de Agricultura, Companhia de

Desenvolvimento de Roraima, Cooperativa Mista dos Garimpeiros e Faiscadores, União dos Sindicatos e Associações dos Garimpeiros da Amazônia Legal, Sindicato dos Garimpeiros de Roraima, Associação Comercial de Roraima e representantes de empresas mineradoras e das empresas e pilotos de aviação do estado, foi encaminhado ao governador Romero Jucá.

Jucá, que foi presidente da Funai, tem sua ascensão ao governo de Roraima atribuída ao general Bayma Denis, da Secretaria de Assessoramento da Defesa Nacional, que prefere as grandes empresas aos garimpeiros. Jucá, entretanto, sensibilizado pela comunidade local, teria mudado de rota, e encampado as sugestões do projeto.

Cidade — Com base na Constituição, e para poder mandar no seu próprio nariz, Roraima quer a transferência, do governo federal para o governo estadual, de todos os títulos de requerimentos de áreas minerais na região do Projeto Meridiano 62º. A partir daí, os idealizadores do projeto pretendem fazer o que acham que o governo federal devia ter feito: regularizar a atuação dos garimpeiros que já estão na área, transformando-os em cooperativas ou pequenas empresas; apoiar a atuação das pequenas e médias empresas mineradoras, com prioridade para as que atuam no estado; disciplinar a atividade de mineração em moldes modernos; e pagar aos índios 10% de royalties sobre o total do minério retirado de suas terras.

Se depender dos autores do Projeto Meridiano 62º, em breve haverá também uma cidade no meio da mata, que concentraria as atividades urbanas necessárias à sustentação da atuação garimpeira. Pretendem instalá-la às margens do Rio Pariminha, afluente do Parima, entre a reserva indígena do Surucucu e a fronteira com a Venezuela, uma área de terras ricas e própria para a agricultura. A cidade teria uma pista de pouso de 1.200 metros, dentro do modelo garimpeiro de ocupação desta área. Lá, pretendem ter posto médico, correio, telefone. E construir uma série de miniusinas hidrelétricas, para beneficiar ali a cassiterita, que, acreditam, vai mudar definitivamente a face de Roraima.

Índios, minérios e empresas

Áreas indígenas	
Acapural - 13.750 ha. Ouro, diamantes e cobre. Toda a área está requerida: CMP, Elton Rohnelt. Atividade garimpeira.	
Ericó - 31.450 ha. Ouro. Toda a área está requerida: Brascan, CMP, CPRM. Palimiu-There - 49.100 ha. Ouro. 61% da área requeridos: Brascan, CMP.	
Cutaíba - 92.900 ha. Ouro, diamantes, cobre, prata e estanho. Toda a área está requerida: Brascan, Tavares e Correia Construção.	
Uaiacás - 25.000 ha. Ouro. Toda a área está requerida: Andrade Gutierrez, Codesaima, CPRM.	
Uauaris - 117.200 ha. Estanho e ouro. Toda a área está requerida: Álvaro Ezequiel, Brascan, Codesaima, CPRM, Elton Rohnelt, Milton Milreu, Raimundo Rodrigues.	
Surucucu - 1.030.200 ha. Estanho, ouro, cobre, bismuto, prata, zinco, nióbio e minerais radiativos. A mais importante área para a atividade de mineração. Toda requerida: Alves de Moraes, Best, Brascan, Brumadinho, CMP, Codesaima, CPRM, Vale do Rio Doce, Elton Rohnelt, Tomé Mestrinho, Milton Milreu, Paranapanema, Raimundo Rodrigues, Souza Júnior, Tavares e Correia Construção. Atividade garimpeira em cinco locais.	
Mucajal - 181.675 ha. Ouro. 71,55% da área requeridos: Brascan, CMP, CPRM, Tomé Mestrinho. Atividade garimpeira.	
Jundiá - 139.625 ha. Ouro. 69,75% da área requeridos: Brascan, CCO Construtora Centro Oeste, CMP, Mequimbrás, Milton Milreu, Santos Filho. Atividade garimpeira.	
Catrimani - 57.750 ha. Estanho. Toda a área está requerida: Mequimbrás, Tomé Mestrinho.	
Reserva Florestal	
Floresta Nacional de Roraima - 2.664.685 ha. Ouro, diamantes, estanho, molibdênio, cobre, prata e bismuto. 78,17% da área requeridos: Alves de Moraes, Andrade Gutierrez, Best, Brascan, Campos Ferreira, CCO Construtora Centro Oeste, CMP, Codesaima, CPRM, Vale do Rio Doce, Elton Rohnelt, Mequimbrás, Tomé Mestrinho, Milton Milreu, Raimundo Rodrigues, Souza Júnior, Tavares e Correia Construção. Atividade garimpeira em oito locais.	

■ As áreas indígenas foram criadas por decreto em 16 de fevereiro deste ano. A área de floresta fica entre as áreas indígenas e foi criada por decreto em 1º de março deste ano.

Áreas requeridas por grupos

Grupo	Nº de títulos	Área total
CMP	119	1.142.320 ha
Tomé Mestrinho	66	647.858 ha
CPRM	50	494.126 ha
Brascan	41	408.081 ha
Milton Milreu	40	322.028 ha
Mequimbrás	28	280.000 ha
Elton Rohnelt	27	234.119 ha
Codesaima	20	199.220 ha
Raimundo Rodrigues	15	147.650 ha
Tavares e Correia	9	89.925 ha
Brumadinho	7	70.000 ha
Alves de Moraes	5	50.000 ha
Best	5	49.800 ha
Souza Júnior	4	40.000 ha
Andrade Gutierrez	3	30.000 ha
CCO Construtora	3	30.000 ha
Vale do Rio Doce	3	30.000 ha
Paranapanema	3	30.000 ha
Campos Ferreira	2	20.000 ha
Álvaro Ezequiel	1	10.000 ha
Santos Filho	1	10.000 ha



Os jovens yanomâmis aprenderam a usar roupas e armas

“Imagine se fosse nos EUA”

O governo não sabe o que está acontecendo em Roraima, não tem informação nem política. A afirmação é do geólogo João Orestes, da Companhia de Pesquisas e Recursos Minerais, a CPRM, uma empresa do governo. Há 19 anos ele acompanha a novela da exploração mineral a oeste do meridiano 62º, a pé, de barco, subindo os rios, ou sobrevoando a região para contar as pistas de pouso.

“Imagine se esta corrida do ouro estivesse acontecendo nos Estados Unidos, no Canadá, na União Soviética, ou mesmo aqui ao lado, na Venezuela, no Peru ou na Colômbia. O objetivo número um de qualquer governo seria aumentar a produção. A região produz duas toneladas de ouro de aluvião por mês. Organizadamente, poderia estar produzindo cinco, seis toneladas. Isso seria a meta em qualquer país do mundo, sobretudo num país que está precisando de dólares”.

Quando o governo se manifesta, o faz por canais não adequados, diz Orestes. “O canal para falar ou agir sobre ouro seria o Ministério das Minas e Energia, que está absolutamente omissivo. Existem relatórios regionais, telex para Brasília, apelos para que o ministério faça alguma coisa. A alegação é que faltam recursos”.

Geologia — As críticas ao garimpo têm sido feitas, segundo ele, por ângulos errados. “Poluição por mercúrio, que nunca foi cientificamente, quimicamente, comprovada. A depredação de jazida, praticamente uma piada, usada em Rondônia para justificar o fechamento dos garimpos em 1970 e entregar as áreas às mineradoras: todas as áreas que foram exploradas por garimpeiros continuam produzindo até hoje sem problemas. O garimpeiro tira o filé, 40%, 50%, a parte mais rica, mais fácil.” Ainda fica muito minério.

O grande problema no Brasil, onde os garimpos não são acompanhados pelo governo, ao contrário do que ocorre em todos os países do mundo, é que não se tem uma ideia do potencial, falta acompanhamento geológico, afirma Orestes. “Roraima produz duas toneladas por mês, mas, o que significa isso no horizonte da próxima década, no século 21?” Faltam, também, segundo o geólogo, incentivo para as empresas privadas entrarem na área e passarem a se preocupar

com o ouro primário, sem conflitar com o garimpo, que trata de ouro aluvionar de pequeno porte. “O ministro César Cals tentou incentivar empresas de engenharia a entrar em mineração no Tapajós pela porta errada, para competir com o garimpo. Não deu certo. Mais de 17 empresas de engenharia, com recursos, investiram e não chegaram a resultado concreto algum”.

História — A falta registro histórico, espanta Orestes. “O que está acontecendo em Roraima é muito mais o que aconteceu nas grandes bandeiras, Raposo Tavares, Anhanguera, Borba Gato. São epopeias vivenciadas em pleno final do século 20. Só que a ótica do governo, e até da imprensa, é completamente distorcida: essa ocupação pioneira de nossas fronteiras, em áreas de difícil acesso, está sendo vista como uma invasão que está depredando, que está destruindo. O que não é verdade. Qualquer pessoa que vier a Roraima e sobrevoar as áreas vai constatar que o desmatamento é mínimo, na faixa de um milésimo da floresta. Esse pioneirismo, toda esta ocupação não está sendo registrada do ponto e vista histórico. Nossos historiadores estão no Rio, em Salvador... As universidades regionais estão totalmente alheias a essa corrida. Há muita pesquisa científica a ser feita, histórica, geográfica, étnica, química...”

Por exemplo, diz Orestes, há indícios de uma cultura mais antiga e avançada que a dos ianomâmis, que produzia artefatos, cerâmica, utensílios domésticos encontrados no Rio Mucajal. “Isto é um fascinante campo de estudo. Que grupo seria esse, quando eles estiveram aqui, para onde foram, de onde vieram, como chegaram aqui no ianomâmico, depois? A presença dessa cultura indica que os ianomâmis estão na região há um tempo relativamente curto. Talvez tenha acontecido algo semelhante ao que ocorreu na parte nordeste de Roraima, hoje totalmente dominada pelos índios macuxis. O que pouca gente sabe é que os macuxis chegaram aqui no século 18. Eles habitavam o Caribe, o litoral norte da América do Sul. Perseguidos pela ocupação espanhola, migraram para o sul e se fixaram nessa mancha de campo. Encontraram os uapichanas, moradores mais antigos, pré-colombianos, que perderam a briga e foram expulsos para o centro-sul de Roraima.”